

Dengue na imprensa local: uma doença em notícia¹

Dengue at local press: A disease on the newspaper

Ana Paula Machado Velho

Centro Universitário Cesumar. Av. Guedner, 1610, 87050-390, Maringá, PR, Brasil. anapaula.mac@gmail.com

Tiago Franklin R. Lucena

Centro Universitário Cesumar. Av. Guedner, 1610, 87050-390, Maringá, PR, Brasil. tiagofranklin@gmail.com

Diana Domingues

Universidade de Brasília, s/n, St. Leste Projeção A, Gama Leste, 72444-240, Brasília, DF, Brasil. dgdomingues@gmail.com

Resumo. Esta pesquisa buscou compreender se as reportagens impressas do principal jornal de Maringá-PR-Brasil se propõem a levar os cidadãos de Maringá a se mobilizarem sobre a necessidade de agir contra o mosquito *Aedes aegypti* e contribuir com a prevenção da dengue. Nos dias de hoje, em que os processos de comunicação *online* aproximam o jornalista do seu público, este profissional precisa se inserir no processo social para atuar como agente de transformação de aspectos da vida de seu público. Para atingir esse objetivo, foi realizada uma análise de conteúdo do principal jornal da região durante quatro meses em 2014. As matérias analisadas não vêm incentivando a ação da população a se mobilizar contra os focos de larvas do mosquito transmissor da doença. Em sua maioria, são apenas pequenas notas que registram os números da epidemia na cidade. Finalmente, por causa do crescente aumento dos casos de dengue na região, estratégias mais agressivas devem ser tomadas para mobilizar os cidadãos sobre a prevenção da dengue.

Palavras-chave: Maringá, saúde, ambiente.

Abstract. This study tried to comprehend how much the reports of the main journal of Maringá-PR-Brazil are written to mobilize the citizens of Maringá about the need to act against the mosquito *Aedes aegypti* and contribute to the prevention of the dengue. Nowadays, where online communication processes bring journalists and their public closer together, the journalist must be inserted in a social process acting as a transformation agent in life aspects of his public. To accomplish that, we performed an analysis in the content of a very popular regional newspaper during four months in 2014. We found that there was no content trying to encourage people to mobilize against outbreaks of the mosquito larvae. There were just some notes informing about the numbers of the disease cases. Finally, due to the constant increase of the dengue in the region, there must be more aggressive strategies to mobilize citizens about the prevention of the dengue.

Keywords: Maringa, health, environment.

¹ Trabalho produzido com apoio de Bolsa Institucional da UniCesumar.

Introdução

O sistema de comunicação midiática é indissociável da paisagem da sociedade contemporânea e profundamente responsável por forjar novas formas de perceber o mundo e de nos relacionarmos com ele. Por isso, falar em saúde na mídia é uma maneira de forjar estratégias que levem o sujeito a adquirir ferramentas que o ajudem a melhorar sua qualidade de vida.

Para criar um ambiente propício ao desenvolvimento desse novo referencial, surge a Comunicação em Saúde. Esta se estabelece não só como uma estratégia para prover indivíduos e coletividade de informações, pois se reconhece que a informação não é suficiente para favorecer mudanças, mas é uma chave, dentro do processo educativo, para compartilhar conhecimentos e práticas que possam contribuir para a conquista de melhores condições de vida. Reconhece-se que a informação de qualidade, difundida no momento oportuno e com utilização de uma linguagem clara e objetiva, é um poderoso instrumento de promoção da saúde (Velho, 2012).

Xavier (2006) comenta, porém, que é preciso fazer uma diferenciação entre comunicação em saúde e saúde na mídia. Para o pesquisador, a comunicação em saúde é um processo institucional, um movimento do poder público e os outros atores da saúde que procuram divulgar as inúmeras informações que possuem. Porém, os modelos deste processo têm menor abrangência que as informações veiculadas na mídia, definida pelo próprio Xavier (2006) como uma mediação criativa; isto é, uma ação de disseminação de informação organizada de maneira específica para a massa. Nesse cenário, a informação ganha caráter de mercadoria. As discussões sobre saúde acabam tendo como foco a cura de doenças e a descoberta de tecnologias. Para o autor, é preciso repensar esse espaço midiático, no sentido de transformá-lo em uma ferramenta de educação, que respeite, inclusive, o conceito de saúde proposto pela OMS: uma situação de perfeito bem-estar físico, mental e social (Who, 1946).

Observa-se, por exemplo, que, apesar das inúmeras reportagens e mensagens em torno da luta contra o mosquito *Aedes aegypti*, boa parte da população ainda é insensível à adoção de medidas que possam conter o vetor e evoluir no processo de disseminação da dengue. A cidade de Maringá, no Noroeste do estado do Paraná, vem sendo palco de uma

grande epidemia da doença. O poder público age, diariamente, disseminando informações que podem contribuir para a queda dos casos, assim como a imprensa, mas o registro da enfermidade continua a assustar as autoridades de saúde e a população em geral.

Já em 2004, Claro, Tomassini e Rosa mostraram, por meio de uma revisão sistemática de literatura sobre a dengue, que a população tinha informação suficiente sobre a doença. Nos textos analisados, os autores deixaram evidente essa questão. Isto é, havia informação, apesar da alta infestação do mosquito transmissor. O grupo concluiu, então, que o tipo de informação veiculada não alcançava os objetivos, que era “a mudança de comportamento das populações quanto ao controle do vetor” (Claro *et al.*, 2004, p. 1454).

Dessa forma, defende-se a necessidade de se contextualizar os problemas da dengue com um universo maior, que é a relação homem/natureza, homem/ambiente, e mais: reforçar o caráter mobilizador da mídia para engajar a comunidade no processo de contenção dos focos de infestação do mosquito transmissor.

Einsfeld, Proença e Dal-Farra (2009), falando sobre uma pesquisa com estudantes sobre a dengue, em Porto Alegre, lembram que eles são imersos em uma avalanche de informações oferecida pela mídia, que age positivamente no “controle de doenças procurando demonstrar a importância de determinados aspectos da saúde da população”. Mas concluem que é imperativo “encontrar meios eficazes de compreender o que está ocorrendo na cultura contemporânea para buscar formas mais efetivas de educar com o objetivo de contribuir de forma decisiva para os programas de educação em saúde” (Einsfeld *et al.*, 2009, p. 7).

Aliás, esse é um problema antigo. Maringá foi uma das cidades que mais sofreram no Estado com a epidemia de dengue que assolou o país, em 2007. De acordo com dados da Secretaria Municipal de Saúde, 5.680 casos foram confirmados naquela época. Em 2013, mais 11 municípios do Noroeste do Paraná registraram epidemia de dengue. Vários da abrangência da Associação dos Municípios do Setentrão Paranaense (AMUSEP), como Doutor Camargo, Diamante do Norte, Loanda, Paçandu, Santo Inácio e Uniflor, além de Maringá. Ao todo, 46 municípios da região estiveram em estado epidêmico no Paraná – estes somaram 80% do número total de casos confirmados no estado naquela ocasião. Todas as mortes registradas por dengue no Paraná, de agosto de 2012 até

abril de 2013, ocorreram no Noroeste do estado. Foram sete mortos por conta da doença em Campo Mourão, um em Paranaíba e um em Maringá.

Em 2014, foram 7.539 casos notificados da doença em Maringá. E 3.599 foram confirmados. Maringá foi a sétima cidade brasileira com o maior número de casos registrados de dengue no primeiro bimestre. Até 14 de agosto 2015, 3.625 foram notificados e 1.169 confirmados, além de duas mortes, configurando um cenário de epidemia.

A única estratégia viável para conter a dengue é o controle do *Aedes aegypti*, pois ainda não existe vacina para a doença. O mecanismo de redução da doença requer a adoção de políticas integradas entre diversos setores, e não apenas da saúde. Para tal, “deve-se mobilizar a academia e os técnicos dos serviços de saúde para a formulação de estratégias inovadoras e inteligentes no combate ao vetor, adaptadas a nossa realidade” (Medronho, 2014, p. 948).

É importante lembrar que, para se reproduzir, o mosquito *Aedes aegypti* se utiliza de todo tipo de recipientes com água acumulada até aqueles que as pessoas costumam usar nas atividades do dia-a-dia e estão em seu entorno. Dessa forma, as ações de comunicação devem investir em uma nova concepção e relação ao meio ambiente, na construção de uma consciência ambiental. Esse é um dos alertas também da Secretaria de Saúde do Paraná (SESA, 2011). Em um dos boletins informativos sobre a dengue, a Divisão de Doenças Transmissíveis por Vetores destaca o fator clima como risco para a proliferação do mosquito transmissor da doença, mas chama a atenção da dificuldade do poder público de “responsabilização social” quanto à adoção de medidas simples para a eliminação de criadouros do mosquito. A publicação aponta que a mobilização e a participação das pessoas são fundamentais “para diminuir o Índice de Infestação Predial, visto que os criadouros do mosquito encontram-se predominantemente nos domicílios” (SESA, 2011, p. 4).

Nesse aspecto, Pastoriza e Silva (2014) alertam para a necessidade de rever a estratégia atual, que propõe as campanhas e ações pontuais para eliminar os focos e, mais, não só na época quente, ou seja, no verão, mas também no inverno. Segundo Ferraz (2009), desde 2002, a dengue faz parte da agenda midiática, sobretudo nos períodos em que ocorre aumento de casos, geralmente entre os meses de abril a julho, em Pernambuco. Talvez porque as pessoas

se descuidam do trabalho de eliminar os focos das larvas. A preocupação de manter acesa a discussão sobre a dengue nos meses mais frios se repete em Maringá, por isso a realização da pesquisa entre os meses de abril e julho.

Para Pastoriza e Silva (2014, p. 76), é preciso educar as pessoas para a compreensão da interdependência dos seres vivos e “para a consciência crítica sobre o modo de vida e consumo que vivemos”. Para as professoras, as campanhas atuais não mudam comportamentos, e a mídia trata do tema superficialmente.

A hipótese aqui levantada foi a de que as reportagens divulgadas pela imprensa local não têm como foco mobilizar a população na luta contra a dengue e fazer com que o cidadão tenha interesse de mudar suas atitudes em relação ao ambiente, meta número um das práticas de redução da infestação do mosquito transmissor.

Levando em consideração o quadro tão preocupante em relação à doença, é fundamental a construção de uma sólida ação da imprensa e dos setores de informação para conscientizar a população sobre a relação entre os cuidados com o ambiente e a epidemia. Isso leva à seguinte questão: as reportagens da mídia impressa local estão contribuindo com o movimento de mobilizar a sociedade na luta contra a dengue ou só reproduzem as informações sobre o panorama da epidemia da doença em Maringá?

O objetivo da pesquisa é entender a abordagem da mídia impressa de Maringá em relação à epidemia de dengue no município, por meio da análise de conteúdo das matérias sobre dengue publicadas no jornal O Diário.

É necessário investigar a lógica das estratégias de comunicação da imprensa local sobre a dengue, refletindo acerca do potencial educativo e de transformação social para que a população se insira de maneira efetiva no controle da proliferação do mosquito transmissor da dengue, o *Aedes aegypti*.

Metodologia

Para a realização deste estudo, adotou-se a Análise de Conteúdo como método de pesquisa. De acordo com Gibbs (2009), os passos para uma análise de conteúdo são os seguintes: (i) Formular uma hipótese ou questão para a pesquisa; (ii) Definir a população em questão; (iii) Selecionar uma amostra adequada; (iv) Selecionar e definir as unidades de análise; (v) Construir as categorias do conteúdo a ser ana-

lisado; (vi) Estabelecer um sistema de quantificação; (vii) Codificar o conteúdo de acordo com as definições estabelecidas; (viii) Analisar os dados coletados; (ix) Estabelecer conclusões e pesquisar indicações.

Nessa perspectiva, a questão de pesquisa proposta foi investigar de que forma o jornal O Diário enquadra as reportagens sobre o tema dengue, com o objetivo de entender a abordagem da mídia impressa de Maringá em relação à epidemia de dengue no município. Delimitou-se como *corpus* O Diário do Norte do Paraná, o maior jornal da região, que é impresso no formato *standard*, na cidade de Maringá-PR. Inaugurado em 29 de junho de 1974, atualmente, circula em cerca de 90 municípios da região e possui tiragem média de 16 mil exemplares/dia, segundo o Instituto Verificador de Circulação (IVC). O Diário, como é conhecido, é publicado pela Editora Central Ltda., que também possui o portal odiario.com e outras empresas do mercado publicitário.

O tema *dengue* foi pesquisado em todas as páginas do jornal, exceto nos cadernos de classificados. O período estabelecido foram os meses de abril a julho de 2014, visto que o mês de abril foi o que registrou o maior número de casos do primeiro semestre de 2014 e as autoridades estavam investindo na disseminação da informação de que dengue se evita o ano inteiro.

Para organizar os dados, foi elaborado um formulário, adaptado da pesquisa Marcolino *et al.* (2007), criando as seguintes categorias:

Categorias administrativas: data; formatos jornalísticos; editoria; chapéu, assinatura, ou seja, assinatura do autor da matéria; presença de ilustrações e/ou fotos; tamanho, chamada de capa; título; página; local da página.

Categorias do conteúdo: caráter educativo do texto; abordagem do tema (ênfase à mobilização social e à mudança de comportamento); fontes (quais são as fontes de informação que abasteceram a reportagem – oficiais ou investigação da equipe de reportagem).

Após catalogar todos os textos, foi feita a quantificação através de gráficos produzidos no Excel, que permite melhor visualização e leitura dos dados. Concluídas todas essas etapas, realizou-se a análise de conteúdo textual e a interpretação dos dados.

Resultados

No período de abril/2014 a julho/2014, foram veiculadas no jornal O Diário, 45 matérias

sobre a dengue na cidade de Maringá/PR. Foram 122 dias de pesquisa. Desse total, o maior número de registros foi no mês de maio, representando 31,1% (14) das matérias, seguido de junho com 13 matérias (28,9%), abril com 12 matérias (26,7%) e julho 6 matérias (13,3%).

No que se refere aos gêneros jornalísticos (Barbosa Filho, 2003), houve predomínio do gênero notícia (68,9%), textos menores, sem contextualização, que estão mais para registro de casos da doença. As reportagens, como dito, textos mais completos, aprofundados e com personagens, representaram 24,5% das ocorrências e aparecem em maior número nos meses de maio (5 ocorrências) e julho (3). Os outros dois gêneros foram identificados em menor porcentagem: opinião – material escrito por leitores ou colunistas (4,4%) e capa (2,2%).

Em relação à seção em que as matérias foram publicadas, houve predomínio da seção Maringá, com 40% das ocorrências, reunindo as notas sobre a dengue no município; e Notícias breves, também pequenas inserções, com 35,5%, seguido pela seção Zoom (8,9%), pequeno texto sobre algum tema; Caixa Postal (6,7%), em que se publicam cartas e Paraná (6,7%), com referências à dengue no Estado. Houve, ainda, a ocorrência de uma nota que só aparece na capa, sem complementação no interior do jornal, totalizando 2,2% dos resultados.

A maior parte das matérias é reprodução de *releases* encaminhados pela Assessoria de Comunicação da Prefeitura de Maringá. Sabe-se disso porque têm como assinatura Redação (37,8%). Essa autoria é conferida a textos produzidos por terceiros, fora do jornal, que são adequados pela equipe da redação, sem apuração.

Mais significativo do que esse registro é o nome da repórter Carla Guedes, que assina quatro matérias (8,9%). São textos grandes, do mês de abril, que teve o maior surgimento de casos de dengue em Maringá, em 2014. Falam da estrutura da ação do poder público em relação à epidemia e sobre um mutirão realizado em bairros de Maringá. As três matérias produzidas por Rubia Pimenta também têm profundidade informativa, inclusive, ela assina uma matéria de grande comoção na cidade sobre a morte de um menino de quatro anos por complicações da dengue. São duas repórteres, enfim, que parecem ter se envolvido no mês de abril com a cobertura, o que é positivo para a cobertura jornalística, para que não se repita informações e se possa contar com alguém que conheça o problema mais de perto.

Porém, isso acontece só no mês de abril. Apesar da grave situação da dengue em Maringá não se tem um repórter específico para acompanhar o problema, colocando em risco a abordagem adequada do tema, visto que a especialização é necessária para dar conta de tratar assuntos sobre ciência, como é a saúde (Bueno, 2000; Melo, 2001).

Além do registro da assinatura das matérias analisadas, identificou-se o chapéu de cada matéria, ou seja, a palavra que identifica o assunto que irá ser trabalhado no texto (Ribeiro e Oliveira, 2010), que vem sobre o título da matéria. A palavra vigilância foi identificada em 24 matérias (53,3%) seguido pela palavra saúde em 8 matérias (17,8%). As demais palavras foram identificadas em 4 ou menos matéria, sendo respectivamente: Dengue - 8,9% (4 matérias); Campanha - 2,2% (1 matéria); Dengue I - 2,2% (1 matéria); Londrina - 2,2% (1 matéria); Urbanismo - 2,2% (1 matéria); Comunidade - 2,2% (1 matéria); Limpeza - 2,2% (1 matéria); Saúde pública - 2,2% (1 matéria); Chikungunya - 2,2% (1 matéria) e Entrevista - 2,2% (1 matéria).

Segundo a Agência de Vigilância Sanitária do Paraná (VISA), a vigilância em saúde deve promover e proteger a saúde da população com “ações capazes de eliminar, diminuir ou prevenir riscos à saúde e intervir nos problemas sanitários decorrentes do meio ambiente, da produção e da circulação de bens e da prestação de serviços de interesse da saúde” (Paraná, 2015). A ocorrência da palavra vigilância na identificação da maior parte das matérias sobre dengue reforça a crença desta pesquisa de que o jornal foca a ação pública contra a dengue, de controle e de proteção no conteúdo das reportagens, como será visto adiante.

Dentre as 45 matérias analisadas, 23 delas (51,1%) não utilizaram ilustração para compor o conteúdo apresentado. Foram consideradas a presença de fotos e outros artifícios visuais, como infografias. Vê-se, dessa forma, que mesmo as notas trouxeram algum tipo de imagem de reforço de informação. Destaca-se a ação de agentes sanitários, ações de outros servidores da prefeitura e aos poucos personagens presentes na cobertura, em fotos de tamanho pequeno.

Por anexos, esta pesquisa entendeu os *boxes* das matérias, que traziam informações importantes em relação ao direcionamento da matéria. A presença (16%) foi menor do que a ocorrência das reportagens (cerca de 25%).

Em relação ao destaque das matérias analisadas, viu-se que apenas 10 delas (21,8%) apa-

recem na primeira página do jornal. As outras 34 matérias analisadas (78,8%) não são mencionadas em primeira página, o que coloca a cobertura como um item que não é de extrema importância no conteúdo editorial do jornal.

Viu-se que os tamanhos das matérias, em sua maioria, não ultrapassam 100cm², totalizando 53,3% das ocorrências. Seguido de matérias que apresentam tamanhos de 100cm² até 500cm² (21,8%), 501 a 1.000cm² (16%), e a menor quantidade com tamanho maior que 1.000cm² (8,9%). Esse resultado discorda dos resultados de Araújo e Lopes, que acharam metade dos textos pesquisados com tamanho médio (48,7%), entendendo-se, na pesquisa dos portugueses, única a valorizar esse detalhe, textos grandes como os que ocupam uma página ou mais, os textos médios aqueles que ocupam até meia página, e os textos breves aqueles que não preenchem meia página (Araújo e Lopes, 2014). Na pesquisa aqui discutida, a maioria absoluta dos textos foi classificada como breve, a partir do parâmetro de Araújo e Lopes (2014).

Em relação ao posicionamento das matérias encontradas sobre a dengue, a maior quantidade ficou em páginas pares, totalizando 26 matérias (58%). As outras 19 matérias (42%) ficaram nas páginas ímpares, sendo essas consideradas as de maior destaque na edição de um jornal, pois atraem mais a atenção visual do leitor do que as páginas de número par (Damasceno, s.d). Percebeu-se, também, que as matérias publicadas sobre a dengue, apareceram em maior número no canto direito abaixo (21,8%), local menos nobre da página (Damasceno, s.d), seguidas por matérias que localizadas no meio da página (20,2%) e das que ocuparam meia página (20,2%). Na sequência, apareceram as matérias que ficavam do lado esquerdo acima (13,3%); página inteira (8,9%); direita acima (6,7%); esquerda abaixo (6,7%) e, por fim, as matérias que estão centralizadas na parte de baixo da folha do jornal (2,2%).

O tema principal da maior parte das ocorrências é o balanço de casos e o registro das ações públicas de disseminação dos focos da dengue na cidade de Maringá. A categoria *Balanço de casos* reuniu temas como registros de notificações e confirmações de casos de dengue (19); o crescimento dos registros e a constatação da epidemia (9); os índices de infestação de larvas (6); as mortes ocorridas em Maringá (5); casos registrados na região (4); e dados sobre os investimentos nas ações para deter a dengue (4), num total de 47 ocorrências.

As *Ações públicas de prevenção* foi outra categoria de grande abrangência. Essa categoria reuniu as matérias sobre limpeza da cidade (15); campanhas de prevenção (5); inclusive, aquelas que justificam a necessidade de ações durante o inverno (4), no total de 24 ocorrências.

Em terceiro lugar, vieram as *Ações públicas de punição*, com textos sobre multas (7); notificações (3); e fiscalizações (3), totalizando 13 ocorrências. Em seguida, apareceram as *Ações públicas legais*, com oito registros sobre ações da Câmara de Maringá (30), Ouvidoria (3) e do Ministério Público (2). As *Ações da população* também registraram oito ocorrências, com sete denúncias e uma ação educativa.

Os *Assuntos correlatos*, a última categoria, reuniu temas como os acumuladores (3) e o chikungunya (2), com um total de 5 ocorrências.

Discussão

Villela e Natal (2013) também verificaram certo destaque para as “ações oficiais de controle” nos textos das matérias pesquisadas pela dupla. A pesquisa de França *et al.* (2004), realizada em um jornal mineiro, mostrou que o diário privilegiou também temas relacionados aos “casos da doença”, além da “clínica da dengue” (53,5%). Há variações, no entanto, dessa abordagem em cada ano analisado, sendo que, no início da epidemia, houve uma atenção relativamente significativa para as “informações gerais e relativas ao vetor” (26,4% dos títulos), possivelmente, com o intuito de prestar esclarecimentos à população sobre uma doença “nova” que surgia na cidade. Entretanto, à medida que a epidemia se tornou mais grave, em 1998, a veiculação de matérias sobre “medidas de controle” não acompanhou a mesma tendência das taxas de incidência. Assim, passou a ser mais comum o registro do “número de casos” da doença notificados oficialmente, tanto nos títulos quanto nos textos (França *et al.*, 2004, p. 1337), o que se repete nesta pesquisa.

Ao analisar o Jornal do Commercio, Ferraz (2010) lembra que não apenas as mortes confirmadas, como também as suspeitas de óbito, são alvo de divulgação da dengue. Totalizando as matérias publicadas sobre a doença em 2002, 2004, 2006 e 2008, verificamos que o periódico produziu 35 textos (matérias e notas) relacionados ao assunto, o que representa 12,3% do total de 291 matérias e notas. A partir das reflexões desta pesquisa, supõe-se que a opção

pela divulgação das mortes tenha como foco tocar as pessoas para que se preocupem com a gravidade do problema relacionado à dengue.

Em relação à categoria que reúne as matérias sobre denúncias e aplicação de multas, algumas transferem a culpa do aparecimento de moléstias para o nível da coletividade, provocado, no caso da dengue, pela falta de conscientização e “desleixo” dos vizinhos e da comunidade, assim como na pesquisa de Ferraz (2009). Em Maringá, os moradores e o próprio poder público deixam claro essa responsabilização social nas matérias com o tema denúncia. O chefe de Serviços Públicos da prefeitura, em 11 de abril, disse que é quase impossível limpar a cidade da dengue. Vagner Mussio afirmou que coordenava a limpeza diária na cidade, “mas a dengue está no quintal das casas. Que podemos fazer para entrar?”. Em outra ocasião, dia 9 de abril, Mussio desabafou: “se o povo se conscientizasse, não teríamos problemas” [com a dengue].

“Se não tivéssemos recipientes que acumulam água estaríamos com a vida mansa”, disse o secretário de Saúde Antônio Carlos Nardi, em uma reportagem. Em uma casa, “havia larvas em quantidade para provocar uma epidemia de dengue”, destacou um fiscal do município em outro depoimento registrado pelo O Diário. Mas não são só reclamações do poder público. A população também se manifestou nas páginas do periódico, como uma cidadã identificada como Juliana, moradora do Jardim Iguaçu, quando, no dia 26 de abril, denunciou “um imóvel que acumula lixo e que pode abrigar vários focos” de larvas. No dia 26 de março, dona Maria do Rosário, criticou o dono de um imóvel abandonado que fica a 200 metros de sua casa. “Faz tempo que isso está assim. Não adianta a gente reclamar” com ele. Nessa mesma matéria, o ex-secretário de Saúde disse que é “por isso que a gente alerta a população para que cuide do lixo doméstico”.

O que chama a atenção desta pesquisa, no que diz respeito aos objetivos desta investigação, é que, apesar da situação apontada acima, só há uma referência à questão educativa. É uma matéria sobre uma ação do próprio jornal, o Projeto Diário na Escola, uma iniciativa de *marketing* educativo do jornal pesquisado. Consiste na visita de uma equipe do diário às escolas públicas do município regularmente para debater diferentes temas. Numa destas ocasiões, o encontro teve como foco de discussão a dengue e a matéria de divulgação da ação foi coletada pela pesquisa.

É importante lembrar que houve o registro de matérias com esse foco, mas não foi considerada na categoria, porque o tema era a Chikungunya. Como, naquele momento, se tratava de uma novidade, foram apresentados dois infográficos explicando as características da doença e sua similaridade e diferenças em relação à dengue; além de formas de manter o mosquito fora da região urbana. Sobre o mesmo tema, houve outra matéria de página inteira, entre as seis encontradas, com uma entrevista com um especialista também sobre a Chikungunya. Aliás, é a única referência à Acaemia na amostra encontrada em O Diário.

“A qualidade da informação prestada, a forma e o momento em que se veicula a notícia produzem significados variados e podem concorrer para o esclarecimento e a mobilização popular”, apontam França *et al.* (2004, p. 1337). Porém, em poucas ocorrências se detectou essa preocupação na cobertura da dengue no jornal pesquisado, apesar de a mídia ser vista na atualidade como um importante meio de veiculação de informações em saúde. Como lembram Villela e Natal (2013), encontrar recursos que permitam a construção de significados mediante informações veiculadas na linguagem midiática é importante no sentido de traduzir os dados epidemiológicos de forma fidedigna e com qualidade para a população, visto que a divulgação em formato adequado interfere não só nos distintos discursos e interesses existentes no âmbito da saúde pública, mas também na forma de percepção e apropriação dessas mensagens veiculadas. Em uma pequena matéria do dia 7 de junho, o então secretário de Saúde de Maringá disse que divulgação dos informes é fundamental, e que “o papel da imprensa é fundamental para alertar as regiões de maior risco”.

Araújo e Lopes (2014, p. 51) registraram que os jornais por eles investigados em Portugal explicaram quais os sintomas da infecção pelo vírus e as formas de prevenção da doença. Para os pesquisadores, a cobertura de saúde deve ser “precisa, equilibrada e completa, para que o público esteja adequadamente informado e pronto a participar na tomada de decisões sobre os seus cuidados de saúde”.

No que diz respeito às fontes das informações das matérias publicadas, vê-se que as fontes oficiais são maioria absoluta (75 %) no veículo maringaense, estando entre elas o secretário municipal de Saúde, informações da Secretaria Municipal de Saúde, a 15ª Regional de Saúde, representando o Estado do Paraná,

e a Assessoria de Comunicação da Prefeitura de Maringá.

Nas matérias que tratam da dengue, as fontes do campo da saúde pública têm preferência da imprensa, por desencadearem as chamadas ações de combate, aponta Ferraz (2009), que reforça que a saúde pública se converteu, praticamente, na única voz a falar sobre a moléstia, divulgando balanços dos casos.

Os pesquisadores portugueses destacaram que, durante o surto de febre de dengue, não houve uma grande variedade de vozes nos textos analisados, sendo que os jornalistas recorreram mais às fontes oficiais e especializadas. Há, ainda, um predomínio de fontes documentais, atribuído à utilização de comunicados e notas de imprensa, emitidos pela Direção-Geral de Saúde, com atualizações epidemiológicas sobre o surto (Araújo e Lopes, 2014), exatamente como a pesquisa realizada em Maringá.

Observou-se, ainda, que seis ocorrências apresentam personagens, e quatro têm intervenção de leitores, isto é, são cartas encaminhadas à redação, por causa da divulgação da morte de um menino de quatro anos por complicações da dengue. Essas participações necessitam comentários adicionais. Um dos leitores toca no ponto que é a razão da pesquisa: “até quando ocorrerão essas mortes motivadas pela dengue? O que está sendo feito para que a população se conscientize?”. Elizeu Garcia Capel, de Umuarama-PR.

Essa é uma de cinco cartas publicadas sobre a morte do menino em Maringá. Nota-se que esse acontecimento levou leitores do jornal a se manifestarem. Isso se repete no dia 26 de junho, em pleno inverno. Uma grande matéria, de página inteira, com o chapéu Saúde Pública, fala de investimentos e do registro de casos da doença, que, na região, havia atingido 5.353 casos. Porém, vê-se que a cobertura dá ênfase à questão afetiva. Uma dupla de mulheres atingida pela dengue confessa que “a gente nem sabia direito o que era a dengue. Ouvia falar, mas até duvidava que era tão grave assim”. Vê-se que a consternação ou a conscientização só acontece quando abate a saúde das pessoas.

Outro dado interessante, no que diz respeito a personagens, está nas reportagens realizadas sobre acumuladores de sucata. Pode-se verificar vários focos do mosquito nas casas e quintais dos entrevistados, em consequência de ambos serem “trabalhadores” da reciclagem. Amplia-se aí a discussão, que vai além da educação em saúde e passa pela necessida-

de de oferecer alternativas de renda e apoio psicológico e educativo a esses trabalhadores. O trabalho de Arantes e Borges fala disso. Os pesquisadores mostram que a cadeia produtiva da reciclagem se dá, por uma via, por meio do como catador não organizado, que coleta seu material diariamente pelas ruas e utiliza como instrumento de trabalho carrinhos, carroças ou mesmo sacos de rafia. Ele percorre grandes distâncias para realizar a coleta no comércio varejista ou nas residências, buscando material de maior valor econômico e que ocupe o menor espaço possível (Arantes e Borges, 2013). Porém, é preciso que se dê apoio a esse grupo de pessoas para que eles tenham consciência de que sua atividade precisa ter organização, visto que pode causar problemas às pessoas ao seu entorno.

Ao analisar o conteúdo das reportagens de O Diário, encontrou-se o poder governamental como a principal voz das matérias, e este recorre à chamada militarização do combate à dengue, com o intuito de chamar a atenção da sociedade para o problema. O jornal coloca que *“o local foi limpo por uma força-tarefa composta por 40 servidores”*. Em uma das ações, o jornal destaca que a *“fiscalização precisou da ajuda do Tiro de Guerra”*, texto do dia 3 de maio. A edição do dia 15 de abril traz: *“a cidade declarou guerra ao lixo e entulho em terrenos baldios, canteiros centrais e fundos de vale [a operação Cidade Limpa] recrutou funcionários da limpeza pública...”*

Ferraz destaca que *“palavras como ação, controle e combate estão muito presentes nos discursos atuais da saúde pública, sendo necessária a implementação de verdadeiras táticas de guerra para conter a expansão do mosquito transmissor da doença”* (Ferraz, 2009, p. 7).

Isso se repete em quase todas as pesquisas encontradas. *“Guerra, luta, batalha, combate, plano, inimigo, eliminação, erradicação, alvo e obstáculo são palavras comuns a esses enunciados [...] Em maior ou menor grau, todos os anos estudados tiveram textos ressaltando o combate”* (Ferraz, 2010, p. 132). Em Portugal, o diretor-geral da Saúde, Francisco George, declarou uma *“luta sem tréguas”* ao mosquito vetor da dengue (Araújo e Lopes, 2014, p. 11). Segundo Drovetta e Eunard (2011), os jornais estudados adotaram um vocabulário de guerra que é próprio da saúde pública, com a ampla utilização de palavras e expressões como *“combate ao mosquito”, “guerra”* e até *“soldados da higiene”*, em uma referência clara aos agentes sanitaristas do século XIX e início do XX, que eram soldados.

Conclusão

Por meio da análise de conteúdo das 45 ocorrências sobre dengue publicadas no jornal O Diário, entre abril e julho de 2014, pode-se compreender que a abordagem adotada pela mídia impressa de Maringá em relação à epidemia de dengue no município é de veiculação dos casos de dengue registrados e confirmados. São insignificantes as matérias que podem atuar como instrumentos educativos em relação à dengue – e quase inexistentes aquelas que têm apelo para a mobilização da população – e não foram encontrados textos que abordam a necessidade de elevar a conscientização sobre a necessidade de uma relação mais comprometida com o ambiente. O que se vê é uma espécie de responsabilização das pessoas pelas autoridades de saúde pública, que são a principal voz das matérias encontradas na amostra da pesquisa, que é composta de notas breves, a maior parte adequadas ao espaço do jornal a partir de textos encaminhados por assessorias de órgãos públicos. Além disso, não se viu preocupação com a indicação de um repórter que desse atenção específica ao tema dengue, o que pode ser importante na cobertura em saúde.

Nesse cenário, seria importante que os jornalistas informassem, explicassem e enquadrassem em suas rotinas temas de saúde que podem ajudar o cidadão na tomada de decisões. Em Maringá, a questão não é mais conhecer o universo da dengue, mas atuar para mobilizar a população para reduzir os focos de infestação da doença. Os veículos poderiam ou deveriam criar estratégias comunicativas que pudessem melhorar a situação crítica como a gerada pela dengue, levando as pessoas a questionar seus hábitos, e que essa transformação fosse duradoura e com efeito multiplicador, isto é, provocando mudanças coletivas.

Dessa forma, é preciso ter em mente o que disseram França *et al.* (2004). Para os autores, quando se incorpora a perspectiva da promoção da saúde, como um lastro relacional, passa-se a afirmar que o papel do cidadão, longe de ser mero cumpridor de ações ditadas por técnicos e autoridades públicas, é também o de um *“sujeito sanitário”*, crítico e responsável pelo processo coletivo de construção da saúde e do bem-estar. Isso aparece nesta pesquisa por meio das denúncias e dos textos de opinião publicados no período de análise. Alguns dos personagens incorporam a relação ambiente de forma efetiva, como é o caso de

Juliana e Maria do Rosário. Talvez, deixar a voz da população falar por meio dos personagens, reforçando, com suas experiências, as informações oficiais seja uma das estratégias da mídia para dar ao seu conteúdo um caráter mais mobilizador e transformador.

Referências

- ARANTES, B.O.; BORGES, L.O. 2013. Catadores de materiais recicláveis: cadeia produtiva e precariedade. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 65(3):319-337.
- ARAÚJO, R.; LOPES, F. 2014. A mediatização da dengue na imprensa portuguesa: os casos do Público, Expresso, Jornal de Notícias e Diário de Notícias. *Observatório (OBS*)*, 8(1):49-68.
- BARBOSA FILHO, A. 2003. *Gêneros Radiofônicos: os formatos e os programas de áudio*. São Paulo, Paulinas, 158 p. (Coleção Comunicação: estudos).
- BUENO, W. da C. 2000. *A Cobertura de Saúde na Mídia Brasileira: os sintomas de uma doença anunciada. III COMSAÚDE - Comunicação e promoção da Saúde*. Adamantina, São Paulo, Editora, 671 p.
- CLARO, L.B.L.; TOMASSINI, H.C.B.; ROSA, M.L.G. 2004. Prevenção e controle do dengue: uma revisão de estudos sobre conhecimentos, crenças e práticas da população. *Cad. Saúde Pública*, 20(6):1447-1457. <http://dx.doi.org/10.1590/s0102-311x2004000600002>
- DAMASCENO, P.L. [s.d.]. Design de Jornais: projeto gráfico, diagramação e seus elementos. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/damasceno-patricia-2013-design-jornais.pdf>. Acesso em: 16/08/2015.
- DROVETTA, R.I.; EUNARD, M. 2011. La Construcción de Metáforas y Adjetivaciones sobre La Enfermedad en La Presa Escrita: el caso de la epidemia de dengue en Córdoba durante abril de 2009. *Salud e Sociedad*, 20(1):241-256. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-12902011000100024>
- EINSFELD, F.; PROENÇA, M.; DAL-FARRA, R.A. 2009. Controle da Dengue: reflexões sobre as contribuições da escola e da mídia. In: Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências, VII, Florianópolis, 2009. *Anais... ENPEC*, p. 123-456.
- FERRAZ, L.M.R. 2010. A Epidemia no Discurso Jornalístico sobre a Dengue. In: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, Campina Grande, 2010. *Anais...* Campina Grande, p. 1-15.
- FERRAZ, L.M.R. 2009. O espetáculo da dengue na mídia. In: Conferência Brasileira de Comunicação e Saúde, XII. Cátedra UNESCO/Metodista de Comunicação para o Desenvolvimento Regional da Universidade metodista de São Paulo, São Paulo, 2009. *Anais...* São Paulo, p. 1-9.
- FRANÇA E; ABREU, D.; SIQUEIRA, M. 2004. Epidemias de dengue e divulgação de informações pela imprensa. *Cad. Saúde Pública*, 20(5):1334-1341. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-311X2004000500028>
- GIBBS, G. 2009. *Análise de dados qualitativos*. Porto Alegre, ArtMed, 198 p.
- MARCOLINO, E.M.; GONÇALVES, G.; SACHT, L. 2008. Análise do tema saúde/doença nos jornais capixabas: A Gazeta e A Tribuna. In: Conferência Brasileira de Comunicação e Saúde - Comsaúde, XI, Vitória, 2008.
- MEDRONHO, R. de A. 2014. Dengue no Brasil desafios para seu controle. *Instituto de estudos em Saúde Coletiva*, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2008000500001. Acesso em: 02/05/2014.
- MELO, J.M. 2001. Prefácio. In: I. EPSTEIN et al. (org.), *Mídia e Saúde*, p. 17-24. Anais da Conferência Brasileira de Comunicação em Saúde. Adamantina, FAI, 844 p.
- PARANÁ. 2015. O que é a Vigilância Sanitária? Secretaria de Saúde do Paraná. Disponível em: <http://www.saude.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=2796>. Acesso em: 18/08/2015.
- PASTORIZA, T.B.; SILVA, E.N. 2014. O Ensino Interdisciplinar do Tema Dengue: uma proposta para a geografia. *Hygeia*, 10(18):71-81.
- RIBEIRO, M.R.; OLIVEIRA, M.C. 2010. Glossário de Jornalismo. Disponível em: <http://pt.slideshare.net/elidakuroki/dicionrio-do-jornalismo>. Acesso em: 16/08/2015.
- SESA. 2011. *Boletim Informativo sobre a Dengue Nº 12/2010*. Governo do Paraná, Programa Estadual de Controle da Dengue, 5 jan., p. 1-13.
- VELHO, A.P.M. 2012. O jornalismo como estratégia na promoção da saúde. In: E.M. MASSUDA; A.P.M. VELHO, *Promoção da Saúde: um enfoque interdisciplinar*. Maringá, Cesumar, p. 147-162.
- VILLELA, E.F.M.; NATAL, D. 2013. Representações sobre dengue na comunicação midiática: há preocupação com a competência informacional. *RECIIS – R. Eletr. de Com. Inf. Inov. Saúde*, 7(1):1-13.
- XAVIER, C. 2006. Mídia e Saúde, Saúde na Mídia. In: A. SANTOS (org.), *Cadernos de Mídia e Saúde Pública*. Belo Horizonte, Escola de Saúde Pública, p. 43-55.
- WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). 1946. *Constitution of the World Health Organization*. Basic Documents. Genebra, WHO, 20 p.

Submetido: 23/11/2015

Aceito: 09/01/2016